

A TRADIÇÃO CULTURAL DO “NEGO-FUGIDO” NA ESCOLA: ENSINO DE HISTÓRIA E ARTE-EDUCAÇÃO COMO PROPOSIÇÃO PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA¹

Franciane Souza da Silva²

RESUMO

Este artigo é parte de um estudo teórico e de uma pesquisa de campo sobre a tradição cultural do “Nego-fugido”, uma memória da resistência e das ancestralidades afrodiaspóricas, da comunidade quilombola de Acupe, distrito de Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano. No contexto escolar, com ênfase no componente curricular de História no Ensino Fundamental, o trabalho observou os desafios, bem como contribuições, para as práticas de um ensino antirracista, na valorização da cultura, do patrimônio, e da identidade. Em sua delimitação temática, como uma manifestação local, o tema é histórica e socialmente importante para a implementação da história e cultura afro-brasileira na sala de aula, e encontrou nas metodologias e abordagens da Arte-Educação uma articulação promissora. No decorrer do processo da pesquisa observou-se que o potencial de conhecimentos nesta tradição, entre os diálogos com as linguagens artísticas, favoreceu a aprendizagem na promoção da história da comunidade. Além disso, a metodologia qualitativa, de natureza bibliográfica, para a elaboração do artigo, por meio de leitura e análise das obras de autores e pesquisadores das áreas do Ensino de História e da Arte-Educação, forneceu o suporte teórico para a aplicação das práticas pedagógicas afirmativas, nas aulas de História. Por fim, o trabalho oferece uma proposta de prática de ensino sobre o tema, e reconhece no percurso da Arte-Educação no Brasil, uma contribuição valiosa e importante na formação escolar pois, permite que os estudantes também expressem seus saberes e suas histórias através das diversas manifestações de arte, de cultura popular, e sobretudo, no âmbito deste estudo, para as identidades negras.

Palavras-chave: história - estudo e ensino; arte e educação; cultura afro-brasileira; antirracismo; Nego Fugido - patrimônio cultural.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Lúzio Matos Silva.

² Discente do Curso de Pedagogia na UNILAB.

ABSTRACT

This article is part of a theoretical study and field research on the cultural tradition of the "Nego-fugido," a memory of resistance and Afro-diasporic ancestries, from the quilombola community of Acupe, in the district of Santo Amaro da Purificação, in the Recôncavo Baiano region. In the school context, with an emphasis on the History curriculum component in Elementary Education, the work observed the challenges, as well as contributions, to the practices of anti-racist teaching, in the valorization of culture, heritage, and identity. In its thematic delimitation, as a local manifestation, the theme is historically and socially important for the implementation of Afro-Brazilian history and culture in the classroom, and found a promising articulation in the methodologies and approaches of Art Education. During the research process, it was observed that the potential of knowledge in this tradition, among the dialogues with artistic languages, favored learning in the promotion of the community's history. Furthermore, the qualitative methodology, of a bibliographical nature, for the elaboration of the article, through reading and analysis of the works of authors and researchers in the areas of History Teaching and Art Education, provided the theoretical support for the application of affirmative pedagogical practices in History classes. Finally, the work offers a proposal for teaching practice on the subject, and recognizes in the trajectory of Art Education in Brazil a valuable and important contribution to school education, as it allows students to also express their knowledge and their histories through various manifestations of art, popular culture, and above all, within the scope of this study, for Black identities.

Keywords: history - study and teaching; art and education; Afro-Brazilian culture; anti-racism; Nego Fugido - cultural heritage.

1 INTRODUÇÃO

O artigo tem como objetivo apresentar possibilidades de abordagens do Ensino de História e da Arte-Educação, na tradição cultural do Nego-fugido, em práticas pedagógicas para os ciclos do Ensino Fundamental, com foco nos anos iniciais. Tais propostas poderão valorizar e fortalecer os saberes tradicionais, a partir das contribuições da história escolar, em práticas que corroboram a luta por uma educação antirracista, indicando alguns suportes metodológicos.

O trabalho de campo foi desenvolvido na comunidade de Acupe³, junto à escola e aos espaços culturais. A importância destas abordagens, referentes à tradição cultural do Nego-fugido na escola, justifica-se por inúmeros fatores, dentre os quais: a comunidade da área de estudo é composta, predominantemente, por pessoas negras e quilombolas. Por outro lado, o fortalecimento do sentimento de pertença e a afirmação da identidade local, inserem-se como um processo de descolonização de métodos convencionais, ainda bastante presentes em escolas do Brasil.

Com a pesquisa compreendemos que a cultura é a expressão mais forte da maneira de viver de cada grupo social. Assim, levando em consideração a importância das manifestações culturais na vida da população e a necessidade de sua preservação, a escola tem o papel crucial de inserir na vida dos estudantes, além da representatividade, a valorização do seu patrimônio cultural, pensada numa perspectiva de perpetuar este importante elemento da identidade. Neste enquadramento, importa salientar que os saberes e os fazeres populares devem ser como pontos de partida para o fazer pedagógico, a buscar e ampliar conhecimentos, na compreensão da dimensão histórica e política para a sociedade.

Nas legislações de ensino⁴ na área da história, orienta-se, para os anos iniciais do Ensino Fundamental, trabalhar a construção do sujeito com tomada de consciência do “eu” e do outro por parte dos alunos. Além disso, no currículo municipal de Saubara, que também integra o Recôncavo, e localiza-se próxima à Acupe, destaca-se a necessidade de se utilizar produções históricas da cultura local nos espaços escolares a fim de valorizar as diversas manifestações artísticas e culturais.

Os alunos e alunas podem partir do conhecimento do "eu", ou seja, de si próprios e de suas referências sociais e culturais, para o conhecimento do “outro”, igual ou diferente, e com isso valorizar as vivências e as experiências próprias, bem como reconhecer a diversidade cultural no respeito às diferenças. Por meio de pesquisas, entrevistas, visitas de campo, observações e trocas de ideias, os estudantes são estimulados a fazer descobertas, o que poderá torná-los sujeitos críticos e criativos. A partir do estudo das suas raízes pode-se, ao mesmo

³ Acupe é uma comunidade quilombola reconhecida pela Fundação Cultural Palmares, localizada no território do município de Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano, e com uma população estimada em 8.000 habitantes. O surgimento e a estruturação do distrito está vinculado aos antigos engenhos de cana de açúcar da região, do período colonial. Sua história e as memórias da comunidade, refletem a ancestralidade dos povos afrodescendentes, seus saberes e suas tradições.

⁴ Ver: BNCC. BRASIL. Ministério da Educação. História. **Base Nacional Comum Curricular**, 2018.5. págs 397 a 497; BRASIL. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília/DF. DOU de 10 de jan. de 2003, sobre a inclusão curricular da História da África e da História e Cultura Afro-Brasileira.

tempo, desenvolver as primeiras ideias de pertencimento da criança à família, à escola ou à comunidade.

Por meio da temática proposta por este trabalho, as atividades e vivências da cultura regional em Acupe, com a perspectiva de se desenvolver uma educação para a autonomia onde os saberes e fazeres sejam também democráticos e emancipatórios, são também evidências de uma história viva, no diálogo entre a superação do passado e a construção do presente.

2 AS ORIGENS, O DEPOIMENTO, A PESQUISA E UMA PROPOSTA DE TRABALHO PEDAGÓGICO, A PARTIR DE UMA EDUCADORA EM FORMAÇÃO, DA COMUNIDADE DE ACUPE

O interesse de estudo por este tema surgiu através das minhas experiências antes de ingressar na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), no Campus dos Malês, em São Francisco do Conde, no Recôncavo. Antes do ingresso na universidade, em 2019, ainda não cogitava e nem pensava em desenvolver um projeto de pesquisa. Contudo, com bases nos estudos, e no decorrer do curso, fui refletindo em relação ao tema, às minhas origens, o que me levou a lembranças da minha escolaridade, quando o processo de ensino tinha limitações, e a história contada, muitas vezes distorcida, favorecia os “feitos da colonização”, cujos principais personagens eram pessoas não negras e nem indígenas. Hoje temos consciência sobre a relevância da Tradição Cultural do Nego-fugido como um patrimônio nosso. Na escola compreendemos que esta manifestação cultural, colabora no aprendizado dos estudantes tornando-se também, uma contribuição no combate aos racismos e no fortalecimento da educação antirracista. Como é visto na implementação da Lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira em sala de aula, com o avanço desta legislação, imprescindível para se fazer o resgate das nossas histórias e de nossas identidades, tornam-se também não somente parte do patrimônio cultural de Acupe, mas também de toda a sociedade brasileira.

Ademais, conforme aponta Godoy e Santos, o próprio ato de educar é uma manifestação cultural, pois “qualquer que seja a ação ou prática social, ela é cultural, já que expressa ou comunica significados e, por isso, é prática de significação” (2014, p. 17). Assim sendo, é possível analisar que os autores enxergam o currículo como prática cultural. Atrelado a este posicionamento sobre a curricularização e a educação, vale a pena compartilhar o pensamento de Hall (1997), onde ele diz que a cultura é transversal a todas as dimensões da vida social,

sejam elas políticas, econômicas, simbólicas ou educacionais. Não sendo superiores às outras áreas da vida, mas a cultura se imbrica a todas elas, e como a educação engloba uma das dimensões da vida social, pensar nela a partir da cultura local é o ponto de partida de resgate das memórias de uma determinada comunidade.

Na pesquisa em questão, que se desenvolveu em um distrito constituído por uma população quilombola, faz-se necessário reconhecer uma cultura voltada aos costumes e práticas exercidas em seus espaços. Frente a essa prática, as manifestações culturais funcionam como “colaboradores” diretos nestes processos.

Nesse sentido penso que, nas reflexões que o artigo propõe, seja muito importante analisar como está sendo tratada a tradição do Nego-fugido nas escolas, nas aulas de história, e como tem sido esta representatividade nos livros, bem como nas escolhas dos materiais didáticos, para abordar estes conteúdos e questões. Deste modo o artigo entende que a relevância do campo do Ensino de História é indiscutível, junto aos desafios da promoção de uma educação antirracista. Debater o tema proposto foi também um desafio pessoal, que eu mesma busquei, para poder encarar e realizar meus sonhos de menina. Como uma educadora de origem quilombola, e amparada nas legislações de ensino que regem a educação quilombola⁵ em âmbito nacional, sinto-me também obrigada a contribuir com a minha comunidade, chamada “Alto do Cruzeiro”, em Acupe de Santo Amaro-BA, ao mesmo tempo em que sinto-me lisonjeada em poder falar sobre algo que eu vivenciei e vivo em toda a minha vida. Encontrei na minha infância o Nego-fugido e como pedagoga em formação, apaixonei-me pela educação. Desde então, caminho um caminhar sem volta, o de realizar os meus sonhos e o de sentir-me realizada, com as histórias da minha comunidade e do meu povo.

3 A TRADIÇÃO DO “NEGO-FUGIDO”: DE MANIFESTAÇÃO CULTURAL PARA AS PRÁTICAS DE ENSINO

Antes de adentrar propriamente no tema, vamos fragmentá-lo na tentativa de conceituar as suas partes. Dessa forma, tentaremos brevemente responder às seguintes perguntas: O que é

⁵ BRASIL. **Parecer CNE/CEB nº 16/2012, aprovado em 5 de junho de 2012** - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012** - Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB nº 8/2020, aprovado em 10 de dezembro de 2020** – Diretrizes Nacionais Operacionais para a garantia da Qualidade das Escolas Quilombolas.

a tradição do Nego-fugido (?); o que significa levar a tradição do Nego-fugido para as aulas de história(?); e a partir destes quadros, como pensar nos desafios da educação antirracista⁶ (?).

Descrever a origem do Nego Fugido não é uma tarefa muito fácil, pois, ela sempre se apresentou como um mistério para o povo acupense (Pinto, 2014). O mesmo autor cita que tempos atrás houve boatos de que o surgimento dessa manifestação cultural tinha iniciado no município de Saubara, em uma cidade vizinha à Acupe. Contudo, depois de pesquisas realizadas, percebeu-se que o que aconteceu em Saubara foi algo parecido com o Nego-fugido, mas não necessariamente que tenha sido o Nego-fugido.

De forma semelhante, em Santiago do Iguape⁷, em Cachoeira-Bahia, algumas pessoas apontavam que o Nego-fugido teve início nesta comunidade, porém, em uma ida do grupo a Santiago do Iguape, o pesquisador e apaixonado por essas e outras culturas, conhecido como Monilson Pinto, relatou que:

Enquanto o grupo circulava nas ruas, percebi que um senhor aparentando uns 80 ou 90 anos, vestido com paletó velho, acompanhava insistentemente a brincadeira. Sem perder tempo, durante as aparições, conversei com o velho morador. Perguntei se ele estava gostando do grupo. Ele respondeu que estava emocionado, porque tinha visto uma brincadeira parecida há uns cinquenta anos: Eles não usavam essa saia de bananeira e também não tinha esse nome, mas tinham a boca vermelha e se pintavam de preto também. Os negros dançavam dentro de um barracão feito fora da cidade, na entrada da mata. Enquanto os escravos dançavam, os homens iam lá e pegavam eles (Pinto, 2012, p. 40).

As histórias realmente apresentam semelhança, mas o autor supracitado, afirma que não se trata do Nego-fugido. Sobre o século em que essa manifestação surgiu, alguns moradores mais velhos apontam que talvez tenha iniciado no final do século XVIII ao início do século XIX.

Sob os olhares de uma acupense que vive o seu lugar e suas múltiplas formas de conceber o território, o Nego-fugido é mais que uma peça teatral popular: é a expressão da vida constituída entre o passado-presente e o passado-futuro. Essa relação atravessa toda a história da comunidade quilombola de Acupe; é uma forma de retornar ao passado para reafirmar uma identidade que permanece no presente, criando, assim, um pretérito-presente — pretérito ligado a ações e acontecimentos já vividos e presente nas ações que ainda serão realizadas.

⁶ Para este exercício de reflexão e de escrita, dialogamos com estudos e debates, a partir da obra de autoras e autores negros/as, dentre os quais Maria Antonieta Antonacci, Nilma Lino Gomes, Leda Martins, Nego Bispo (Antônio Bispo dos Santos), Monilson Pinto e Rubens dos Santos Celestino.

⁷ Santiago do Iguape é um distrito do município de Cachoeira (BA), e faz parte da Bacia do Iguape. A sua poligonal encontra-se sobreposta a RESEX Marinha Baía do Iguape [coordenada geográfica 12°51'40.54"S e 38°51'06.47"W].

O grupo Nego-fugido se apresenta nas ruas de Acupe entre os meses de junho (dia 2) ao segundo domingo de agosto. O grupo é formado por pessoas da comunidade, tanto crianças quanto adultos. É dividido em personagens como as “Negas” vestindo o calção branco (Figura 1), com o rosto pintado de preto e boca vermelha; o capitão do mato (Figura 2), o rei, aquele que detém da carta de alforria, e a madrinha que representa a princesa Isabel, além de alguns soldados. O figurino assim como a maquiagem é feito pelos próprios integrantes do grupo.

Figura 1 - Nego-fugido



Fonte: Nayna Santos (2025).

2.1 DA MEMÓRIA À TEATRALIDADE, DA CULTURA POPULAR AOS ESPAÇOS DA ESCOLA

Quando criança me fiz a seguinte pergunta: como pode um grupo de pessoas em quantidade significativas pode acompanhar diversas figuras fantasiadas com saias feitas de palhas secas de bananeiras, com um pequeno sino amarrado a sua vestimenta, um colete de couro sobre uma camisa branca, usando um chapéu de couro, com o rosto todo pintado de preto, segurando uma espingarda, com a boca escorrendo um líquido vermelho simulando o sangue, ao mesmo tempo que fuma um charuto? E porque eles ficam apontando essa arma para aqueles meninos que estão tão sujos, sem camisa, com o rosto pintado de carvão e gritando: “me dá dinheiro nega, oh nega se você não me der dinheiro, o capitão vai me matar, nega”? Oxe... chega a dar medo... Essa figura é o Nego-fugido (Figura 2).

Figura 2 - Capitão do mato na tradição do Nego-fugido



Fonte: Franciane da Silva (2005).

Afinal de contas, “que diabo é isso?” Monilson Pinto, integrante do grupo Nego-fugido, quilombola e doutor em Artes Cênicas pela ECA-USP, fez essa mesma pergunta aos 8 anos. Respondê-la é uma tarefa complicada. “Como falar de algo tangível, corpóreo, que as palavras não conseguem dimensionar?” (Pinto, 2014, p. 1).

O Nego-fugido é o “Teatro das Aparições”, que tenta resgatar as imagens dos antepassados, fazendo aparecer os descendentes escravizados (Albuquerque e Silva, 2021; Pinto, 2014). Usar o termo “apresentação” para falar sobre o teatro do Nego-fugido, poderia reduzir o que de fato essa tradição tenta passar para os moradores, apoiadores e curiosos que visitam Acupe nos domingos de julho a agosto, por isso usam-se aparição, pois elucida de forma mais completa a história.

Figura 3 - Personagem representando o “capitão do mato” no Nego-Fugido



Fonte: Franciane da Silva (2025).

Figura 4 - Representação do Nego-Fugido



Fonte: Franciane da Silva (2025).

2.2 O NEGO-FUGIDO NAS AULAS DE HISTÓRIA

O ensino de História tem como um dos principais objetivos propor estudos, discussões e reflexões sobre as experiências, conhecimentos e eventos do passado, e que se fazem vivos no presente e na vida das pessoas, fornecendo novos conhecimentos necessários para melhorar a sociedade, e preparar o futuro. Tanto no ensino fundamental, médio ou superior, a História é a área que nos forma como cidadãos e cidadãs. Monteiro, Gasparello e Magalhães (2007, p. 7) comentam a respeito do ensino de história. Segundos eles:

O ensino de História é um processo de constituição que se legitima e se afirma tanto nos espaços institucionais de produção do conhecimento na área de Educação quanto na área de História. No Brasil, tal campo situa-se, fundamentalmente, na área de Educação, como um espaço interdisciplinar construído na inter-relação da História e dos saberes pedagógicos para a busca da compreensão dos processos de ensino-aprendizagem da disciplina.

As interdisciplinaridades no ensino de história, por um lado, fornecem aos docentes ferramentas fundamentais a serem usadas nas mais diversas metodologias de ensino. Por outro lado, permite que os discentes tenham uma melhor compreensão do que está sendo debatido. A origem do surgimento da História como componente escolar reporta-se ao século XIX (Nadai, 1992). Bittencourt (2018, p. 127) não discorda sobre o século de surgimento dessa disciplina, porém, menciona ser possível identificar conteúdos históricos apresentados “sob diferentes objetivos e formas” que estiveram presentes nos “estudos das Humanidades clássicas”. Maria Schmidt (2004, p. 190) ao trabalhar “História com Pedagogia: a contribuição da obra de Jonathas Serrano na construção do código disciplinar da História no Brasil”⁸, menciona que o ensino de História acompanha a evolução do tempo, por isso, essa matéria escolar é dotada de saberes, concepções, princípios, rotinas e condutas que se formam seguindo a sua época.

A datação da História atuando como área específica nas grades curriculares no Brasil remonta aos anos iniciais da criação do Colégio Pedro II, no estado do Rio de Janeiro em 1838. Manoel (2006) aponta que antes de 1838, não era possível encontrar achados sobre o funcionamento do ensino de História. Segundo o autor: “Não encontram informações sobre a existência dessa disciplina nas antigas Aulas Régias, em que se resumia todo o sistema educacional vigente no Brasil entre a expulsão dos jesuítas, em 1759 e as reformas efetuadas a partir de 1827”. Com relação à Didática da História do Brasil, Monteiro, Gasparello e

⁸ SCHMIDT, Maria Auxiliadora. História com Pedagogia: a contribuição da obra de Jonathas Serrano na construção do código disciplinar da História no Brasil. **Revista Brasileira de História**, v. 24, p. 189-211, 2004.

Magalhães (2007, p. 63) citam que os primeiros estudos voltados a essa temática trata-se da obra “*Um quartel de século de programas e compêndios de História para o ensino secundário brasileiro (1931-1956)*” escrito por Guy de Holanda publicado em 1957.

Retomando o passado sobre a História escolar, percebe-se o quanto o mesmo foi e continua sendo fundamental e influente na sociedade. Porém, há alguns anos, instituições vêm fazendo apontamentos de que essa disciplina não é tão relevante para compor a grade curricular. Contudo, ainda que este componente venha sendo fragmentado atualmente, nota-se que essa disciplina contribui ricamente e influencia nos mais variados contextos sociais, tanto ao ensinar a respeitar diferenças entre os distintos modos de vida, religião e grupos, quanto ao ser utilizada como ferramenta na investigação dos acontecimentos passados e e no presente das sociedades. (Oliveira, 2017).

Entre as categorias que compõem o ensino de História, Oliveira (2003) cita a Memória, o Passado, a história e o tempo, como essenciais para essa disciplina escolar. Costa (2012, p. 2) elucida a importância do ensino de História, podendo este ser um elemento impulsionador na transformação da sociedade. Oliveira (2017) aprofunda-se ainda mais ao alegar sobre a importância do ensino de História. Segundo a autora:

É possível verificar, que sem o ensino de História, seríamos um povo impossibilitado de conhecimento histórico, de saber cultural, de relações interpessoais, de compreensão de mundo e sociedade (política, economia, tempo, espaço, diversidade, grupos, comunidades, fontes, registros escritos, patrimônio sociocultural, etc.), isso, se caso não tivéssemos acesso ao estudo de História em nossas escolas, e em nossa sociedade contemporânea (Oliveira, 2017).

Observa-se nos debates sobre o ensino de História, que essa disciplina é formada por um conjunto de fatores que foram e que vêm sendo estabelecidos com o passar do tempo; trata-se do processo, ou processos históricos, chamado por Schmidt (2004, p. 190) de “uma tradição de longa duração”, ou seja, não pode ser criada tomando como base o agora, mas que pode ser moldada e reinterpretada por ser dinâmica.

3 ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA, NA CULTURA DO NEGO-FUGIDO

Antes de iniciar a discussão principal deste tópico, é necessário compreender, brevemente, o processo da educação no Brasil.

A lei nº 9.394 de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, menciona que a educação, processo formativo que envolve diferentes agentes a fim de se desenvolver, aparece na vida do educando como etapa preparatória para a realização de exercício da cidadania ao mesmo tempo que o qualifica para o mercado de trabalho. A promoção da educação é um dever da sociedade e do Estado.

Sobre a educação escolar, a lei citada anteriormente, aborda que a mesma deve-se, predominantemente, desenvolver-se em instituições através do ensino e aprendizagem. Com relação aos princípios do regimento do ensino, o art 3º, diz que esse deverá ser ministrado seguindo a:

- I- igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II- liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III- pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;
- IV- respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- V- coexistência de instituições públicas em estabelecimentos oficiais;
- VI- valorização do profissional na educação escolar. (Educação, 2014, p. 1).

Nota-se um certo cuidado nos princípios e fins da educação nacional, pois o processo de educar, vai além do ato de passar conteúdos, e sendo o Brasil um país formado de nuances nada sutis devido a segregação socioespacial ao longo do tempo, essas preocupações tornam-se fundamentais no processo de desenvolvimento dos discentes.

E a educação antirracista, o que seria? Segundo Troyna e Carrington (1990, p. 1):

A educação antirracista refere-se a uma vasta variedade de estratégias organizacionais, curriculares e pedagógicas com o objetivo de promover a igualdade racial e para eliminar formas de discriminação e opressão, tanto individual como institucional. Essas reformas envolvem uma avaliação tanto do currículo oculto como do currículo formal.

Percebe-se na citação supracitada, que a educação antirracista apoia-se em um conjunto de práticas educacionais na tentativa de lutar contra a ideia estruturada de que deve haver superioridade na sociedade segundo o critério de diferenciação entre a cor da pele. Sobre o seu objetivo “[...] o objetivo de educação antirracista deve ser, por definição, de oposição” (Brandt 1986, p. 125 *apud* Ferreira, 2012, p. 277). Dessa forma, observa-se que a educação antirracista corrobora para o estabelecimento de uma educação tanto inclusiva quanto equitativa.

No Brasil, apesar da elevada concentração de pessoas negras no país, a sua formação foi pautada em um processo de exploração e escravização de grupos étnicos raciais não brancos. Esse processo de compreender que os pretos, pardos e indígenas são inferiores aos brancos,

gerou e gera uma alta desigualdade sociorracial.

Furtado e Meinerz (2020) comentam que o ensino de História utilizando uma educação antirracista nas escolas, contribui na criação de práticas que visam combater as desigualdades raciais postas na sociedade. Estes mesmo autores, mencionam que a pouca quantidade de docentes ligados a temática de promover uma educação antirracista, é um desafio enfrentado nas escolas.

De acordo com Cavalleiro (2001), citado por Ferreira (2012, p. 279), a escola pode adotar algumas medidas na implementação de uma educação antirracista. Dentre essas, oito podem ser listadas:

1. Reconhece a existência do problema racial na sociedade brasileira.
2. Busca permanentemente uma reflexão sobre o racismo e seus derivados no cotidiano escolar.
3. Repudia qualquer atitude preconceituosa e discriminatória na sociedade e no espaço escolar e cuida para que as relações interpessoais entre adultos e crianças, negros e brancos sejam respeitadas.
4. Não despreza a diversidade presente no ambiente escolar: utiliza-a para promover a igualdade, encorajando a participação de todos/as os/as alunos/as.
5. Ensina às crianças e aos adolescentes uma história crítica sobre os diferentes grupos que constituem a história brasileira.
6. Busca materiais que contribuam para a eliminação do ‘eurocentrismo’ dos currículos escolares e contemplem a diversidade racial, bem como o estudo de ‘assuntos negros’.
7. Pensa meios e formas de educar para o reconhecimento positivo da diversidade racial.
8. Elabora ações que possibilitem o fortalecimento do autoconceito de alunos e de alunas pertencentes a grupos discriminados (Cavalleiro, 2001, p. 158).

A educação antirracista atravessa diversos desafios para a sua implantação, além da falta de professores que queiram e se interessam por essa área. A gestão das escolas não dão suporte ou fiscalizam se essa educação está realmente sendo posta em prática (Furtado e Meinerz, 2020). Ainda com os autores, quando se é encontrado educadores que discutem uma educação que visa combater o preconceito e promover a igualdade racial, estes estão atuando na disciplina de História. Abreu, Matos e Grinberg (2019, p. 17) também enfatizou a participação do ensino de História contribuindo com a educação antirracista. Segundo eles:

Nos últimos 15 anos, tem havido grande esforço de historiadores e professores de história no sentido de produzir reflexões sobre o passado escravista, o período do pós-abolição e o patrimônio cultural afro-brasileiro. Esse impulso, que gerou importantes inovações didáticas e historiográficas, vem acontecendo tanto por conta das mudanças introduzidas no ensino de História nas escolas e nas universidades desde o fim da ditadura militar no Brasil, quanto, mais especificamente, a partir da promulgação da Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História da África e da Cultura Afro-brasileira.

Desta forma, podemos compreender que a tradição do Nego-fugido através da sua história, cânticos, instrumentos musicais e ensinamentos, pode constituir-se como conteúdo curricular no ensino de História, ao mesmo tempo em que se apresenta como estratégia para uma educação antirracista, funciona como uma ferramenta no fortalecimento do pertencimento étnico e na valorização da cultura negra no Brasil.

Dentre as músicas presentes no grupo do Nego-fugido, uma das mais cantadas e que fixa na mente durante os meses de junho a agosto, é essa: *Cativeiro de iá iá, dá licença aê maiokê [...] guiadas ao som do atabaque*⁹ e entoadas tanto pelos personagens representando as negas, quanto pelas pessoas que os assistem, a música faz ressuscitar as vivências dos antepassados ex-escravizados que sofriram nos tempos das escravidão em Acupe de Santo Amaro-Ba. Sobre essa comunidade e o Nego-fugido, Pinto (2017, p. 7) menciona que:

Acupe é uma comunidade quilombola encravada no fundo da Baía de Todos os Santos, originada a partir da abolição da escravatura, com uma população atual de mais ou menos oito mil habitantes, na sua maioria negros, pescadores e marisqueiras. Um território de cruzamentos de sistemas simbólicos africanos, europeus e indígenas. Polo agregador de ritos e costumes, berço das mais variadas manifestações culturais e artísticas, com uma marcante identidade afro-brasileira, fundamental na formação religiosa e sociocultural daquela região. Um local ocupado por pessoas que compartilham memórias sobre o período da escravidão e que, por meio do Nego-fugido, externam suas próprias impressões sobre a instituição escravista e a forma pela qual o escravo teria viabilizado sua libertação.

A tradição do Nego-fugido ao ser ensinado nas escolas irá fazer com que os educandos se aproximem da história dos ex-escravizados e criará ou ascenderá uma consciência antirracista tomando como base as vivências dos antepassados na tentativa de promover uma educação para a liberdade e que possibilite uma prática efetiva para as relações étnico-raciais.

4 UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O TRABALHO TEMÁTICO DO NEGOFUGIDO: ENSINO DE HISTÓRIA E ARTE-EDUCAÇÃO

Segundo Ana Mae Barbosa, a Arte-Educação constitui uma área do conhecimento que compreende a arte como ferramenta essencial para o desenvolvimento humano. Ela ultrapassa a prática técnica, pois integra um processo que abrange desde a produção de sentidos e a compreensão do mundo até formas mais complexas de expressão crítica (Barbosa, 1998).

⁹ Atabaque: “instrumento de percussão usado em cerimônias afro-brasileiras, pode também ser frequentemente encontrado nas rodas de capoeira” (Fontoura; Guimarães, 2002, p. 148).

Ana Mae Barbosa associa esse conceito à proposta do “Triângulo do Ensino de Arte”, baseada em três pilares: o Fazer artístico (produção), a Apreciação (relacionada à leitura e análise da obra) e a Contextualização (voltada à compreensão histórica, e que está relacionada com o ensino de história, e com o aspecto cultural e social da arte), (Barbosa, 2010). De tal modo que, segundo a autora, não se trata de uma metodologia, mas sim de uma abordagem, que ela explica como “Abordagem Triangular”.

Ao interligar essa proposta ao conceito de Arte-Educação e aplicá-la ao Nego-Fugido, percebe-se que tal manifestação também pode ser interpretada por meio da abordagem triangular. Isso porque, sendo uma expressão cultural rica em saberes e práticas que ultrapassam uma visão superficial das relações presentes e passadas, como a construção e o fortalecimento da identidade, o Nego-Fugido revela igualmente processos de formação e desenvolvimento tanto para aqueles que participam quanto para aqueles que o vivenciam como espectadores.

Construir uma proposta pedagógica atrelada a uma cultura que muitas vezes ultrapassa o campo da compreensão física relacionando-a à construção e fortalecimento do sentimento de pertença é também fazer uma educação antirracista. Promover uma educação ligada à história e cultura que apresente-se como uma iniciativa enriquecedora potencializando e ampliando a compreensão do ser sobre o mundo, torna-se uma prática pedagógica e política.

Para a nossa proposta, a principal área de conhecimento em que a cultura do Nego-fugido seria integrada junto ao corpo de componentes curriculares na escola, será na matéria de História. Utilizaremos as características e um dos objetivos da História, que é propor discussões sobre as memórias e os eventos passados na tentativa de vivermos melhor o presente, fornecendo informações necessárias para melhorar o futuro, ou seja, numa sociedade sem experiências de racismos, e comprometida com a preservação das diversidades

Inicialmente, a proposta é abordar manifestações culturais locais e saberes tradicionais atrelados a essa cultura, a fim de que o sentimento de pertença comece a ascender ou ser criado nos alunos. Manifestações culturais como: Nego-Fugido, Careta de Palha, Mandu, Bombacho entre outros como Bumba meu Boi e Samba de Roda, são também conteúdos do ensino de história, e que podem ser trabalhados com arte-educação.

4.1 PROPOSTA PEDAGÓGICA: DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES E PROJETOS INTERDISCIPLINARES

A interdisciplinaridade de História e Artes, no processo do ensino-aprendizagem, fornecerá aos docentes ferramentas fundamentais a serem usadas nas mais diversas

metodologias de ensino, permitindo que os discentes tenham uma melhor compreensão do que está sendo debatido. Dessa forma, poderão criadas atividades, assim como projetos, que relacionem múltiplas matérias escolares em conjunto ao ensino de História, sempre abordando o tema da cultura local, e que iria permitir aos discentes trabalharem as manifestações culturais, como produzir pinturas, ou conhecer as histórias das letras das músicas cantadas nas histórias de tradições orais

O mestre Paulo Freire sempre enfatizou a importância da educação que percorre para além dos muros escolares. Sendo assim, o objetivo de promover ou de fazer com que os alunos estejam em contato direto com as manifestações culturais, é fazer visitas às ruas em tempos em que ocorrem as apresentações ou aparições, como comenta o Dr. Monilson Pinto (2017), quando retratou sobre o Nego-Fugido, especialmente nos meses de junho a agosto.

Espera-se que com esse contado supracitado anteriormente, os estudantes expressem sua compreensão e apreciação da cultura por meio de pinturas, música, danças e teatro, também nas aulas de história.

Avaliação do Progresso dos Alunos:

O processo de avaliação obedecerá o critério de participação e desenvolvimento nas atividades propostas; serão realizados debates com os alunos para que os mesmos reflitam sobre as suas próprias identidades culturais, fortalecendo e incentivando a desenvolverem uma consciência étnico-racial ao longo da sua jornada de formação.

Avaliação e Ajuste Constantemente:

Através dos feedback dos alunos, avaliamos a eficácia da proposta pedagógica com o intuito de que sejam feitos ajustes necessários para o melhor funcionamento das atividades.

Espera-se com essa proposta pedagógica que se possa promover um espaço de convívio onde o respeito e a avaliação cultural se façam presentes, para que juntos usando a educação como principal ferramenta, possamos remover as barreiras e violências do racismo e do preconceito.

Como podem ser tratados os temas da tradição do Nego-fugido na escola:

Analisando que o Nego-fugido nas escolas não deve ser tratado como folclore, mesmo com o avanço da Lei 10.639/03, ainda assim não se tem um pleno entendimento sobre essa questão, e nem visibilidade. Ainda é um discurso um pouco raso, entre educadores, tratar dessas questões, assumindo que não é folclore. Um dos desafios é de entender que o tema vai além da data determinada e comemorativa. Não que o folclore não seja importante, até porque auxilia as crianças a entenderem sobre as riquezas da sua cultura local e popular, mas ainda falta mais entendimento sobre estes desafios, entre os educadores.

É importante ressaltar que a tradição do Nego-fugido transcende este debate. Existe uma grande carga de história por trás das narrativas e das apresentações, que simbolizam luta, resistência e consciência de um povo negro, escravizado que buscou a todo custo sua liberdade contra um sistema covarde de dominação, numa relação de poder contra o povo negro. A escola tem um papel de nos dar este suporte, para fazer o debate, até por que a escola é um espaço de troca de conhecimento e de lutas constantes, e a cultura faz parte da educação.

O Nego-fugido não é folclore, é consciência, aparições que fortalecem o laço entre os participantes e seus ancestrais, que nos deixaram estas heranças de memórias para poder lutar contra o sistema racista, e nunca nos esquecer de onde viemos.

Segundo Monilson (2012), o legado do passado são experiências significativas acionadas por pessoas que não vivenciaram essas emoções. Imagens associadas às revoltas e traumas relacionados à escravidão, estão na memória. Segundo o mesmo autor, o legado do passado com toda essa dor da escravização, nos deixou de presente uma herança, que inclui as manifestações culturais. A importância de uma abordagem em história, com as manifestações culturais nas aulas e na escola, poderá garantir: o fortalecimento de pertença à identidade, e o respeito e reconhecimento da história e da cultura Afro-Brasileira, como parte da nossa descolonização.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos modelos tradicionais de ensino a Arte já fazia parte do currículo, porém os conteúdos eram vistos como práticas ou técnicas formais para se aplicar as artes visuais. Atualmente, na escola não é mais assim, e percebi que a Arte-educação rompeu com o antigo formalismo, trazendo e validando a experimentação e a liberdade criativa, com todas as linguagens artísticas e manifestações de cultura, levando em consideração o próprio conhecimento do estudante, como campo de trabalho pedagógico. Pensando arte e educação na

história e memória, levando em conta os avanços das práticas educativas na atualidade, a Arte-educação traz uma nova perspectiva no ponto de vista educativo, e que auxilia o desenvolvimento do pensamento artístico, crítico e político, tanto na estética quanto na capacidade de reflexão dos estudantes.

É louvável trazer essa linguagem educativa na história pois permite um mundo mais amplo, além de estimular a criatividade e a capacidade de ordenar e expressar seus sentimentos através da arte e da cultura. É gratificante poder ver e sentir na Arte e na Educação, que não se limitam apenas às ideias e teorias. Um exemplo está na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, que nos ensina a importância do trabalho com as três etapas de observar, contextualizar e criar, como pedagogia também para a história, ou seja, é fazer história, arte e educação.

Este estudo analisou a possibilidade de novas formas de trabalho com a manifestação cultural do Nego-Fugido na escola, presente na comunidade quilombola de Acupe, distrito de Santo Amaro, e que pode ser utilizada como conteúdo, projeto ou recurso pedagógico no Ensino Fundamental, especialmente nas aulas de História e na Arte-Educação. Tal recurso valoriza os saberes tradicionais locais e fortalece o sentimento de pertencimento e de identidade coletiva. Além disso, a adoção de práticas que articulam cultura e educação, rompe com modelos eurocentrados de transmissão do conhecimento, aproximando o ensino da realidade sociocultural dos estudantes. Assim, o artigo buscou contribuir de maneira significativa para as práticas antirracistas na escola, ao combater estereótipos das culturas locais e promover uma educação comprometida com a diversidade e a equidade racial.

REFERÊNCIAS

ANTONACCI, Antonieta. “Teatros de memória em diáspora: por uma pedagogia performática”. In: **Rebento**, São Paulo, n. 6, mai. 2017

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: Ed. C/Arte, 1998.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. Reflexões sobre o ensino de História. **Estudos avançados**, v. 32, p. 127-149, 2018.

BRASIL. BNCC. Ministério da Educação. História. **Base Nacional Comum Curricular**, 2018.5.

BRASIL. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília-DF. DOU de 10 de jan. de 2003.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB nº 16/2012, aprovado em 5 de junho de 2012** - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012** - Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB nº 8/2020, aprovado em 10 de dezembro de 2020** – Diretrizes Nacionais Operacionais para a garantia da Qualidade das Escolas Quilombolas.

CELESTINO, Rubens dos S. Narrativas quilombolas e o ensino de Teatro: possibilidades artístico-pedagógicas afroreferenciadas. **Sertanias** - Revista de Ciências Humanas e Sociais, v. 4, p. 1-25, 2023.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Educação antirracista e práticas em sala de aula: uma questão de formação de professores. **Revista de Educação Pública**, v. 21, n. 46, p. 275-288, 2012.

FONTOURA, Adriana Raquel Ritter *et al.* História da capoeira. **Journal of Physical Education**, v. 13, n. 2, p. 141-150, 2002.

FURTADO, Tanara Forte; MEINERZ, Carla Beatriz. Formação continuada de professores e educação antirracista: ensino de história, africanidades e rompimento de estereotipia. **Revista História Hoje**. São Paulo, SP. Vol. 9, n. 17 (2020), p. 35-57, 2020.

GODOY, Elenilton Vieira; SANTOS, Vinício de Macedo. Um olhar sobre a cultura. **Educação em Revista**, v. 30, p. 15-41, 2014.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GRINBERG, Keila; ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. História pública, ensino de história e educação antirracista. **Revista História Hoje**, v. 8, n. 15, p. 17-38, 2019.

MARTINS, Leda. Performances da Oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, [s. l.], n. 26, p. 63–81, 2003.

MANOEL, I. A. O Ensino de História no Brasil: do Colégio D. Pedro II aos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Pedagogia Cidadã: Cadernos de Formação Ensino de História**. 2ª ed. São Paulo: UNESP, v. 1, p. 65-78, 2006.

NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, v. 13, n. 25/26, p. 143-162, 1992.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira. O ensino de história nas séries iniciais: cruzando as fronteiras entre a história e pedagogia. **História & Ensino**, v. 9, p. 259-272, 2003.

PINTO, Monilson dos Santos. **Nego-fugido: o teatro das aparições**. 2014.

PINTO, Monilson dos Santos. **Nego-fugido, manifestos de memórias incorporadas**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP). Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas; Mestrado. Orientadora; Marianna Francisca Martins Monteiro.

SANTOS, A. B. dos. **A terra dá, a terra quer**. Brasília, DF: Piseagrama; UBU, 2023.

SANTOS, A. B. dos; KOHAN, Walter Omar; PEREIRA JUNIOR, Geraldo. Entrevista com Nego Bispo: “Eu lhe ensinei tudo que eu sabia, mas eu não sabia tudo que eu queria lhe ensinar”. **Trans/Form/Ação**: revista de filosofia da Unesp, Marília, v. 48, n. 1, e025053, 2025.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. História com Pedagogia: a contribuição da obra de Jonathas Serrano na construção do código disciplinar da História no Brasil. **Revista Brasileira de História**, v. 24, p. 189-211, 2004.

SILVA, Maria Betânia e; ALBUQUERQUE, João Vicente Annoni. Nego-fugido. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 7, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/19547>. Acesso em: 16 nov. 2023.

TROYNA, Barry; CARRINGTON, Bruce. **Education, Racism and Reform (RLE Edu J)**. Routledge, 2012.

WEIR, S. (1987). **Cultivando Mentes - Um Casebook Logo**. Nova York: Harper & Row.